

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur**

DA NATUREZA DOS DEUSES

Romance
1.ª edição

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Fixação de texto
Agridina Carriço Vieira



D. QUIXOTE

PRIMEIRA PARTE



PRIMEIRO CAPÍTULO

Mandaram-me pela primeira vez a casa da Senhora mais ou menos na altura em que encontrei o sem abrigo a dormir no degrau da livraria e palavra de honra que só dei por ele no momento em que tirei a chave da carteira para abrir a porta, ou antes duas chaves na argola com um ursinho de pano a que faltava o olho direito, a boa e uma segunda de que continuo a ignorar a serventia, desde pequena que as chaves me intrigam, misteriosas, secretas, introduzindo-as na fechadura abrem o quê, se lhes perguntasse

– Abrem o quê?

a certeza de que a resposta me inquietava, quantos quartos a seguir aos quartos que conheço, quanto rumor de águas negras, o mar de Cascais não se escuta da loja, fica de bruços na areia a tremer, a tremer

– O que se passa contigo?

se dormisse de persiana fechada, sem as lâmpadas dos candeeiros e das janelas dos prédios, tinha medo, a casa da Senhora enorme, o jardineiro a regar os canteiros, sombras a espiarem-me através dos caixilhos, que querem elas, o sem abrigo numa espécie de saco, digo-lhe bom dia, encolhe-se para me deixar passar, daqui a pouco dobra o saco, guarda-o na mochila e toma banho nos chuveiros da praia enquanto coloco os tabuleiros de livros cá fora, a minha colega ajuda-me, de

tempos a tempos uma gaivota no telhado em frente, nos intervalos das gaivotas nada, pombos, a gelataria começa a funcionar em maio, fecha em outubro, nasci em África, cheguei criança a Portugal, moro com o meu filho no interior de Cascais porque a renda mais barata e mesmo assim, depois de pagá-la, o que sobra tão pouco, não me habituo ao frio, a casa da Senhora dúzias de degraus de mármore do graveto à entrada, varandas, terraços, a piscina não de bruços como o mar, de costas, o chofer a seguir-me em silêncio, o sem abrigo regressa dos chuveiros de cabelo molhado, nunca o vi sorrir, nunca o vi com ninguém, senta-se no largo, junto ao restaurante dos hambúrgueres, passando por ele, quando não almoço na loja, finjo não dar conta, ao carregar livros à Senhora o empregado

– Entra

não por menina, por tu

– Entra

casaco branco, botões de metal prateado, da idade do meu pai talvez mas mais elegante, mais fino, não trabalhou numa barragem com os pretos, lembro-me de imbondeiros, cuba

– Entra

cubatas, tenho uma ideia da minha mãe na cama

– É a pedra do rim

o sem abrigo tira bolas da mochila e joga-as ao ar, como no circo, sem que nenhuma caia, na casa da Senhora uma criada de crista a exigir

– Os livros

não por menina, por tu igualmente, isto fora de Cascais, quase no Guincho onde o vento começa, dunas que se desfazem e reúnem, ervas espinhosas, em janeiro o sítio em que o meu filho e eu vivemos abana, o empregado de casaco branco

– Estás à espera de quê?

no átrio, com colunas, móveis desmesurados, quadros imensos, o tecto distantíssimo, uma varanda a toda a roda onde um cãozito ladrava e na varanda mais móveis, mais quadros, a sensação de que uma mulher idosa a espiar-me mas não tenho a certeza, eu para o empregado, não por tu, por senhor

– Descanse que me vou embora não estou à espera de nada conforme o sem abrigo não está à espera de nada, mete as bolas na mochila, jurem que nunca envelheço e não me deixam sozinha, o meu filho para a directora do lar

– Se ela falecer não me rala

que o julga adulto e não é, repare nele, seis anos, quem leva a sério um miúdo, não a sensação, uma mulher idosa na varanda e a mulher idosa

– Traga-ma cá Marçal

não por tu nem por senhor, por você, de cãozito no braço, a torcer-se para lhe alcançar a cara, a claridade aguda de um anel que surgiu e se foi, instantâneo, o empregado de casaco branco medindo-me a roupa barata, o cabelo, a pulseirita

– Perdoe não a ter tratado como deve ser menina

dez horas por dia na loja, metade dos sábados, metade dos domingos, quase nenhum cliente, à tarde o engenheiro viúvo, a quem falha uma perna, espreitando-me das lombadas

– Tão linda

embora a boca em silêncio percebem-se as palavras

– Tão linda

não se chegando a mim, no meu aniversário um perfumezito cerimonioso

– Deixo-lho aqui nesta estante

escapando-se para a saída a empurrar a perna com a mão

– Anda lá anda lá

traz a caderneta do banco no bolso, folheia-a sem encontrar a página tal como demora a encontrar o casaco ao guardá-la

– Tenho umas economiazitas sabia?

lembro-me da esposa

– Trambolho

que na véspera de Natal, há dois ou três anos, largou o garfo no prato e o fixou, surpreendida, com o

– Trambolho

a escorregar para o pescoço primeiro, para o peito depois, para a toalha a seguir, para o chão finalmente, um

– Trambolho

amolgado pelo peso do corpo que lhe tombou em cima e o engenheiro a observá-la, direito na cadeira, estrangulando o guardanapo na atitude em que o sobrinho o encontrou ao visitá-lo, com as lanternas do pinheirito piscando sem descanso, azuis, cor de laranja, amarelas, o sem abrigo, no outro lado da rua, esperava que trancássemos a livraria para se estender no degrau e, como sempre, a segunda chave a assustar-me, eu para ela

– Abres o quê?

se a minha mãe não me impedisse

– Cala-te

receosa dos quartos a seguir aos quartos, quanto rumor de águas negras e nós, incapazes de respirarmos, lá dentro, não me prendam, não me sufoquem, larguem-me, na casa salões após salões, lustres, porcelanas, pratos e o vento raivoso nas janelas, o engenheiro, baixinho

– Tão linda

a folhear a caderneta onde as poupanças minguavam, é complicado viver, não acha, como é que a gente consegue com as lanterninhas de Natal perseguindo-nos, azuis, cor de laranja, amarelas, qualquer dia o

– Tão linda

escorrega-lhe para o pescoço primeiro, para o peito depois, para a toalha a seguir, para o chão finalmente, de mistura com as economiazitas, em que as vai gastar, conte-me, um perfume cerimonioso

– Deixo-lho aqui nesta estante

e a perna a escapar-se, escorregadia, aflita, a mulher idosa no que me pareceu a última sala dado que atrás pinheiros na direcção do mar, em certas noites, no verão, consigo perceber as ondas, cada uma delas com o meu nome dentro

– Fátima

eu à espera e nem uma palavra mais, esquecidas de mim, a mulher idosa percorria o cãozito no colo com o anel, a ordenar ao empregado de casaco branco

– Pode sair Marçal

numa poltrona grande demais para ela e lembrei-me da boneca encostada ao travesseiro dos meus pais em África, também direita,

também velha, com o verniz das bochechas a estalar, a mulher idosa mostrando-me num gesto lento não a cara, o mundo

– O meu pai morou aqui

portas e portas onde talvez a segunda chave da livraria servisse e, servindo, quanto rumor de águas negras, antes de se deitar a minha mãe colocava a boneca na cómoda, entre os retratos dos meus avós, apesar de eu a prevenir

– Olhe que ela vai chorar de certeza

e se acordava antes da madrugada notava-lhe os soluços misturados nos meus, eu diante da Senhora, receosa da segunda chave, a decidir

– Vou jogá-la fora

consoante tantas vezes penso

– Se não tivesse um filho jogava-me fora

porque sinceramente, respondam-me com franqueza, o que faço aqui, mal me surge esta cisma penso logo

– Se o médico te anunciasse que apanhaste uma doença grave nem um feijão te cabia no rabo

e nem um feijão me cabia no rabo, é verdade, médicos e hospitais santa paciência, não me peçam que visite uma enfermaria, não aguento, mal cruzasse o portão em topando uma bata ao longe desmaiava, operaram o meu pai em Coimbra e não o vi, vi o rio, esperei pela minha mãe na estação dos comboios, pedi ao aproximar-se

– Não me conte seja o que for

a Senhora, na poltrona grande demais para ela

– Há séculos que não recebo visitas

e pergunto-me se no caso de a pôr na cómoda como a boneca soluçaria igualmente ou apenas

– Há séculos que não recebo visitas

a falar para si mesma percorrendo o cãozito, o coração dos bichos miúdos mais depressa do que o nosso, o dos pássaros por exemplo, o dos coelhos, a minha mãe

– O teu pai manda-te saudades

e eu de costas para ela a fim de que não julgasse que me comovo, consultava horários cercada de ecos, vozes, fumo, é o fumo que me

arde nas pálpebras, aí tem, não me torne a falar dele, imenso fumo,
a Senhora

– Há alturas em que me apetece conversar

objectos antigos, fotografias, esculturas, um anjo a que faltava a cabeça, um santo de talha completo, vá lá, o manto inteiro, os dedos todos dos pés, ofereci metade da banana do meu almoço ao sem abrigo e recusou, não me achava

– Tão linda

como o engenheiro, não me observava a esconder-se, a Senhora como se estivesse só, presumo que na ideia dela estava só, quem sou eu, não era a mim que explicava, era aos pinheiros, às dunas

– O meu pai morou aqui

e uma sombra a atravessar a sala num rastro de charuto, oblíqua, com pressa

– Não tenho tempo agora conversamos amanhã

a Senhora

– Nunca tinha tempo agora conversava sempre amanhã

e um automóvel a partir, não se percebia como vinha se não cessava de afastar-se, depois do crepúsculo a casa um búzio segredando mistérios, meu Deus como as coisas comunicam connosco, ao darem-lhe alta em Coimbra o meu pai num banquito à espera, recordo-me da aliança demasiado larga, de recusar comer sem uma frase, descia as pálpebras somente, os badalos das cabras pastavam no talude, não os bichos, os badalos mastigando, voltava de camioneta para Cascais rodeada de sons, a casa em África um barraco de tábuas, a professora mulata

– Quem dobrou o Cabo da Boa Esperança Fátima?

viúva de um indiano de calções que trabalhava na barragem também, perdi o nome dele juntamente com a minha tralha de criança, uma semana destas procuro-a porque há lá coisas que me custa deixar, a minha mãe nova, por exemplo, o odor da terra quando a chuva termina e os insectos que as poças fazem nascer, a Senhora com a sombra a atravessar a sala na ideia

– Os jantares que havia aqui

o rei da Itália, o rei da Roménia, o duque inglês que dormia num quarto do primeiro andar onde o embaixador da Alemanha o visitava,

quantos quartos existirão a seguir a esse quarto, quanto rumor de águas negras, eu em frente da Senhora, escutando-a sem entender

– Qual o motivo de falar comigo sou pobre

e o sem abrigo junto ao restaurante dos hambúrgueres a comer sei lá o quê de um cartuchinho, a mãe da Senhora obrigava-a a beijar a mão do duque inglês e eu

– Porque me terá escolhido?

sem coragem de interrompê-la, o sem abrigo estende-me a mochila para que a guarde, no outro dia fechou-me um búzio na mão, demasiado pequeno para conter o mar, ou essas cobras pequenas dos penedos, não enguias, cobras, a professora mulata

– Ciclóstomos

e não esqueci o termo, perdi a minha tralha de criança mas os ciclóstomos ficaram, digo em voz alta

– Ciclóstomos

as pessoas, franzidas

– Perdão?

eu, envergonhada

– Não abri a boca

elas, desconfiadas

– Pareceu-me

e eu a afundar os ciclóstomos no interior de mim onde não se notassem, não deviam entregar aulas a professores mulatos, são só metade humanos, a dona da livraria

– A Senhora deve gostar de ti não pára de encomendar livros à gente

de forma que eu, de embrulho nos joelhos, na camioneta entre o Estoril e Cascais ao longo das dunas, a espaços um rafeiro a perseguir gaivotas, a espaços cardos, ciclóstomos claro que não, imagine-se, quem acredita que existam, lá estava o jardim, o automóvel, o chofer a aperfeiçoá-lo com o pano, a criada de crista ou o sujeito de casaco branco

– Menina

não por tu, por menina

– Entre menina

a Senhora, do fundo da poltrona

– Demorou a chegar

eu até então sem importância para ninguém incluindo o meu filho de gatas com o seu brinquedo a que faltava uma roda, nunca houve nada inteiro perto de mim, o meu pai, virados os quarenta, quase nenhum dente nas gengivas, alheado, o meu filho herdou o egoísmo sei muito bem de que parte, oxalá não tenha herdado os maus hábitos, sou fácil de enganar, perdoo a todo o mundo, olho e não vejo, vejo e não ligo, a culpa é minha, há um sujeito a pagar-me cafés

– Posso pagar-lhe um café?

enquanto tenta poisar-me os dedos na manga mas escaudada como estou necessito de tempo, trabalha numa editora, aparece às quartas feiras com o catálogo e as fotocópias das capas numa pastinha

– Divorciado

garante ele

– Livre como um pássaro

garante ele, mostra o bilhete de identidade como penhor, encosta o sapato ao meu sapato e mal dou por isso tiro, em certas alturas demoro um bocadinho porque a minha colega, mais nova do que eu, sem filhos, frequenta o cabeleireiro, pinta-se, até há pouco um primo, acho que ninguém neste momento, atenção Fátima, o avô da Senhora um estabelecimentozito de câmbios, o pai da Senhora dono de bancos, quantas almas, não mencionando os rafeiros, enterradas nas dunas com a mudança do vento, em o vento mudando de novo permita o Céu que não se encontre o dos cafés por baixo, de sapatinho pronto a avançar para mim, aperfeiçoando o nó da gravata em gestos de ciclóstomo, perdoem a expressão, quando menos espero, estou para saber o motivo, aparecem-me maluqueiras assim, o pai da Senhora

– Prometo-te que amanhã conversamos

a afastar-se no sentido de subalternos que o esperavam, atenciosos, curvados, o pai da Senhora dono de bancos, companhias, ministros e nisto a chuva lá fora, não vertical, para a direita e para a esquerda trocando os buxos e as árvores, espero que o sem abrigo sob um telhado qualquer ou ao menos com um capuz e um pedaço de plástico nos ombros, o pai da Senhora ao jantar, torturando o garfo em silêncio

à espera da sopa, a mãe da Senhora sem olhar para ele, nova, bonita, zangada com quê, ressentida com quê, debaixo das medalhinhas dos santos, pregadas com um alfinete à camisa de dormir, a estrela de David que só depois da sua morte encontraram, durante as insónias percebo, apesar da distância, as galinhas na capoeira dos meus pais na província, atrito de penas, unhas, gorgolejos, a mãe da Senhora emendando os gestos da filha com a sobancelha, o pai dela escocês, um casal loiro numa moldura barroca, a Senhora

– Os meus avós

quanto aos meus não os conheci, camponeses numa fotografia, sem feições, só contornos, eu para o meu pai

– O que fazia o seu pai pai?

e com os badalos das cabras, sob os badalos das cabras, indistinto nos badalos das cabras

– Ajudava o vigário na missa

mais uma oficinazita de tanoeiro, mais baldes quando tocava a fogo, mais o filho a estender-lhe um copo de água na Misericórdia e ele

– É a última vez que me dás de beber

não aflito, tranquilo, exactamente como escrevi

– É a última vez que me dás de beber

na cama à esquerda uma gorda a fazer malha, na cama em frente um fulano abraçado à corneta da tropa com uma borla encarnada e uma borla verde

– O que eu soprei nisto

o meu filho não se assemelha a mim, porventura o queixo, porventura a testa e nem queixo nem testa, não se assemelha a mim, dado que muda os dentes recupero o meu pai porque as gengivas despidas, a propósito de despidas vi o sem abrigo lavar-se lá em baixo, nos chuveiros da praia, se ele, ia dizer uma patetice, estou louca e todavia se ele, que insistência idiota, um vagabundo, adiante, o pai da Senhora a torturar o garfo, a mãe da Senhora e a Senhora caladas, a solidão das mulheres arrepiam-me, se me tivessem feito homem agradecia, o da corneta

– Quando tocava a silêncio até os plátanos choravam

notas tristíssimas no escuro e ciclóstomos fosforescentes erguendo-se das trevas, quantos quartos haverá a seguir aos quartos que conheço, quanto rumor de águas negras, o mar de Cascais, de bruços na areia, lambia-se a si mesmo a tremer, a tremer

– O que me escondes tu?

o pai da Senhora para o avô da Senhora, a empurrar papéis

– Perdoo-lhe a dívida se me der a sua filha

deste modo exactamente, sem rodeios

– Perdoo-lhe a dívida se me der a sua filha

o judeu a secar-se no lenço sem que o pai da Senhora reparasse nele, de cara a desaparecer da cara e expressão alguma, ruga alguma, apenas o bigode a hesitar, a mãe da Senhora quinze ou dezasseis anos, dezasseis, o pai da Senhora a sossegá-lo

– Não lhe faço mal descanse

recolhendo facturas

– Livra-se de ser preso e ganha um genro que o protege

não nesta casa, no escritório em Lisboa, a solidão transtorna-me apesar do meu filho na cama comigo, a minha colega a segurar o cotovelo do sujeito dos cafés, de cabeça inclinada para o ouvir melhor

– A sério?

a largar-lhe o cotovelo e a segurá-lo de novo, mais perto da mão, com mais força

– Não sei se acredite no que vocês inventam para nos apanharem o dedinho cauteloso da Senhora a certificar-se dos brincos

– O meu avô teve que concordar claro

de cãozito sobressaltando-se-lhe no colo

– Não pára de sonhar este

o judeu a discutir com a esposa num apartamento do qual o pai da Senhora mandou tirar o recheio, trouxeram-no, uma semana depois, quando o judeu aceitou, juntamente com um serviço francês, lustres novos, reposteiros novos, um piano

– Com os cumprimentos do seu genro

a mãe da Senhora sem entender

– Casar-me?

a mim os meus pais nunca me visitaram, não sei se tenho saudades,

cresci, se tivesse pagava-lhes o transporte e depois dormiam onde, não há espaço, existem momentos em que gosto deles e momentos assim assim, lembro-me de que não chorava, não era que não me desse vontade, as lágrimas não saíam, a minha tia

– Não ganha peso a miúda?

e eu aborrecida por não ganhar peso, um dia o peito começou a doer-me, dois grãozinhos que inchavam sob a pele, o judeu sossegando o pai da Senhora

– Ela diz que não quer casar mas não se preocupe que casa

e o pai da Senhora quase divertido, não quase divertido, divertido, dono de bancos, empresas, ministros, a sorrir para uma rapariga que tomava notas, partilhando o divertimento com ela, preciso de arranjar uma escova de dentes para o meu filho com um Rato Mickey na ponta, pelo menos com o bicho entretém-se, o pai da Senhora

– Descanse que não me preocupo é evidente que casa

anos depois a mãe da Senhora no comboio para Madrid com um homem, à espera da partida, malas por cima deles numa rede, a mãe da Senhora de óculos escuros e lenço na cabeça, gente na plataforma à espera, um velhote a trotar sacudindo uma bandeirola, a minha mãe para o meu pai

– Devias comprar uma dentadura no arraial

enfiadas numa guita, por tamanhos, nas tendas dos ciganos, com anzoizitos de arame, de prender nas gengivas, que ajudavam a encaixar aquilo segurando-se ao osso, a porta do compartimento destrancou-se no momento em que o homem puxava a cigarreira e o pai da Senhora no degrau, calmo, simpático

– Vamos para casa Raquel

à medida que um suspiro de vapor apagava o velhote da bandeirola e a carruagem principiava a sacudir-se, já repararam que os objectos, quando lhes dá na gana, se deslocam sem ajuda, tudo quieto e uma chávena a vibrar, ou um cinzeiro, ou um prato e não é o vento nem somos nós, não se sabe, não me venham com almas penadas, são as coisas e pronto ou o eixo da terra que entortou, tudo se gasta e cede, o pai da Senhora para o homem que o fitava de cigarreira aberta, afectuoso, quase cúmplice

- Posso deixar-te nalgum sítio João?
o das bagagens, dobrado sob as malas
- Para o seu automóvel senhor doutor?

percebe-se que o eixo da terra alterado porque a janela não para a estrada, para a encosta que dantes não se via dali, semeada de cabanas e um destroço de guindaste, quando os objectos abanarem de novo a estrada de regresso, regressa ao que foi, é a vida, procuramos o que se segue e descobrimos o princípio, o meu pai experimentou uma das dentaduras postiças, a minha mãe

- Até ficas mais composto
e ficava, o casaco assentava melhor, um botão que faltava no seu lugar de repente, a gravata sem as marcas dos nós anteriores e todavia o preço da dentadura não compensava a elegância nem aliviava o desconforto do fígado

- Se me melhorasse a vesícula comprava-a
de modo que a beleza do meu pai tornou à guita da tenda entre majestades desdenhadas, recordo-me do rancho a dançar num estrado, ou seja casais de mãos no ar aos pulinhos em tamancos enormes, um par desacertado a corrigir-se à pressa, o pai da Senhora entre a mãe da Senhora e o homem, a conversar com os dois, uma das mãos na cintura dela, outra no pescoço do infeliz protegendo-os a ambos, um polícia fez-lhe a continência sem que ele respondesse, julgo que o meu pai ainda hoje a pensar na dentadura com ganas de roer o mundo, a Senhora

- O meu pai não me mencionou o assunto contou-me a minha mãe muitos anos depois

limitou-se a mudar para outro quarto sozinho, quando o rei fazia anos aparecia-lhe

- Dispa-se

não

- Despe-te

o pai da Senhora completamente vestido

- Dispa-se

e permanecia vestido diante da esposa nua de charuto na boca, jogando a cinza no chão

– A roupa íntima também

poisava o charuto no rebordo de uma cómoda

– Deite-se

e não se descalçava sequer, sujando o lençol com os sapatos, verificava-se na camisa ao acabar, procurava uma ou duas notas nas calças deixando-as cair junto à cinza

– Apanhe-as

e saía sem reparar na mãe da Senhora que se alongava a entregar-lhas

– Compre adereços de puta com isso

fechando a porta com a sola enquanto o mar do Guincho inofensivo e as dunas não sepultando ninguém, a Senhora para mim

– Volte amanhã estou cansada

a alisar os sonhos do cãozito com o anel, a espreitar a janela onde a tarde principiava a diluir-se em tons rosados e lilases e um ramo de salgueiro avançava no soalho semelhante a um mendigo que pede, a Senhora erguia-se, solitária, no interior da casa à medida que eu a deixava, a sala com os seus móveis, os seus quadros, os seus tesouros tão caros de repente inúteis, o pai da Senhora trancado com a segunda chave da argola que agora sei para que serve, enegrecida, torta, enfeitada pelo ursinho de pano a que faltava o olho direito, fui eu quem lhe disse

– Tome lá

eu quem lhe disse, ao entregar-lha

– É sua

ele falecido há anos, antes do meu nascimento e todavia eu a entregar-lha

– É sua

exactamente como está posto aqui

– É sua

e ele a guardá-la no colete, a sentar-se à secretária de olhos tão pobres apesar de ser dono de bancos, empresas, ministros, o pai da Senhora a fitar-me, a deixar de fitar-me, a esquecer-se de mim, escondendo a cara nas palmas a repetir o

– Estou cansado

da filha, de charuto nos dedos, com o retrato de um presidente estrangeiro à sua esquerda enquanto o mar do Guincho, de bruços na areia

– O que me escondes tu?

o pai da Senhora escolhendo uma dentadura na tenda da feira e colocando-a na boca, sobre os seus dentes autênticos, a devorar-se a si mesmo.



SEGUNDO CAPÍTULO

Não acredito em Deus, como posso acreditar, sempre que precisei d'Ele não estava e não me refiro a problemas importantes que Lhe dariam trabalho, refiro-me à primeira vez que fui mulher, por exemplo, agachando-me na horta entre os feijoeiros, cercada de gafanhotos e besouros e lagartas das couves, o mundo eriçado de pinças, patas, asas, mandíbulas e quando as dores abrandaram não pensava

– O que se passa comigo?

pensava

– Quem sou eu a partir deste dia?

porque o meu corpo esquisito, se o prior sonhasse não me dava a comunhão de certeza, o que fiz de mal, onde terei pecado, a minha avó

– As mulheres nasceram para o sofrimento

e é verdade, Deus é homem, pensa como um homem e desculpo-O por não entender, não Lhe desculpo a maçada das tardes de domingo diante da televisão antiga que a dona da livraria me ofereceu ao comprar a nova, faço anos em julho, volta e meia a imagem desaparece, vinte e quatro de julho, bato na caixa de lado e surge desfocada, como será hoje a barragem onde o meu pai trabalhava que continuo a sentir a água a crescer e a baixar em mim e a preta de pulseiras de

borracha, que se ocupava da cozinha com a minha mãe, a chamar-me do quintal

– Fatinha

o meu pai a entrar em casa, fungando em torno

– Cheira a preto que tresanda

e não acredito em Deus porque não tem atenções conforme o pai do meu filho não tinha, procurava-me à noite no escuro e magoava-me sempre, pesava-me no peito, demorava a largar-me, comigo

– Quando é que isto acaba quando é que isto acaba?

a contar para dentro os automóveis na estrada

– Chegando a quinze empurro-te

a cada automóvel dobrava um dedo e onde estava Deus nesses momentos, juntava-lhes as motos e o triciclo do inválido do rés do chão para aumentar o número, a claridade dos faróis no tecto descobria manchas de humidade em que não reparara, o meu filho ao nosso lado, de chupeta para baixo e para cima, mais depressa à medida que o pai dele se aproximava do final, fico parva com aquilo que os miúdos herdaram, a Senhora para mim

– Atrasou-se meia hora

ofendida, de xaile de seda, com receio das traições do outono, percebiam-se as marés de setembro no meio dos pinheiros, livre-me do sapato do vendedor na pastelaria para não ter de coleccionar automóveis de novo mas os dedos não me deixavam o pulso, o pai do meu filho foi-se embora há um ano e tal, o pai dele dia, a Senhora

– Detesto a falta de pontualidade

o pai dele diabético, com uma névoa num olho não me recordo se o de cá se o de lá tal como Deus não se recorda de mim ou então não existo, uma onda mais forte enfrenesiu as roseiras tão, o de lá, lembrei-me, sensíveis sempre, o sem abrigo nunca disse o nome

– Bom dia

e era tudo, mesmo ao fecharmos a loja, de luzes acesas no largo

– Bom dia

consoante não conversa, não agradece, não pede, se lhe oferecemos seja o que for recusa, a Senhora para mim

– Sente-se

na poltronazita que mandou colocar perto da sua, à espera, faltam-me meia dúzia de azulejos na cozinha e um taco do soalho que disfarcei com uma rolha de pano, no limite dos canteiros o campo de ténis onde mesmo no verão ninguém joga, dantes o pai da Senhora com os amigos e a mãe da Senhora, de boquilha comprida, sob um guarda sol lilás, em torno do meu prédio ervas ruins, mato, uma bicicleta a que falta o guiador e os arbustos vão comendo, se nos demoramos no mesmo sítio engolem-nos pedaço a pedaço, pés, pernas, cintura, o silêncio da boca demora mais a partir, por exemplo o do parceiro de ténis do pai da Senhora quando o pai da Senhora, entre duas bolas

– Quero cinquenta e um por cento da sua cimenteira

sem interromper o jogo, foi o outro que se imobilizou a fixá-lo, não sei se gosto de vir a casa da Senhora, não sei se gosto dela, por vezes assustam-me a expressão, os modos, o pai do meu filho não nos procura, não telefona, não manda dinheiro, disseram-me que o pai dele a névoa nos dois olhos, numa cadeirinha de vime a brincar com os polegares, o pai da Senhora para o parceiro de ténis

– Detestava ter que cortar-lhe o crédito e a fábrica fechar

o parceiro falhou uma bola, duas bolas, avançou um passo para o pai da Senhora, deixou cair a raqueta e abandonou o jogo, dúzias de barcos ancorados na baía, gaiotas na muralha, vinte e quatro de julho às sete da manhã, dois quilos e novecentas, o sem abrigo, não tinha cabelo, demorei a respirar, caminhando na areia, armado de uma cana, a vasculhar algas, pedritas, sempre com rafeiros em torno, o parceiro a chamar uma criatura de vermelho, devia ser bonita eu, toda enrugada, que a Senhora encontrou no escritório

– Vamos embora Teresa

a criatura de vermelho a enganar-se nas molas da blusa, a procurar um pendente, o pai da Senhora para a Senhora

– Cumprimenta a tia Teresa menina

os rafeiros iam e vinham na praia, farejando, latindo, um deles cinzento, com uma chaga no lombo, perseguiu uma andorinha do mar até à água e deteve-se à espera, manchas de gasóleo, palhas, tenho uma amiga na butique ao lado da livraria que se chama Celeste, casada

com um caboverdiano, não têm filhos não por ela, por ele que anda no médico a injecções e o médico

– Não perca a esperança amigo as melhoras hão-de vir a Celeste

– Até agora não vieram mas é possível não achas? o pai da Senhora para a criatura de vermelho

– O amor pelo seu marido comove-me mas a resposta é não e é capaz de ser possível, sei lá, as injecções de alguma coisa servem sobretudo se doem, é sinal de que o organismo reage, a Celeste

– Foi o que me explicaram na farmácia devias ser doutora

o rafeiro voltou da água desiludido, lento, se calhar viajou de Cabo Verde igualmente, qualquer dia bato na televisão e a imagem nicles, também morrem, as máquinas, nas traseiras do prédio frigoríficos, ventoinhas e fogões amolgados, a criatura de vermelho desandou no corredor e uma última porta a cerrar-se com estrondo, bandos de pássaros coloridos na água da barragem, em África, o pai da Senhora para o parceiro de ténis que rubricava contratos de caneta a chiar

– Não se enerve

o pai da Senhora, elogioso

– Precio a sua sensatez

de mão estendida e o outro, na agonia, a apertá-la

– Cá o espero no sábado para o nosso joguinho

e a criatura de vermelho a assistir ao lado da mãe da Senhora enquanto o parceiro de ténis errava bola após bola, o pai da Senhora numa surpresa inocente

– O que se passa consigo?

bandos de pássaros coloridos na barragem, disso lembro-me e dúzias de melros no jardim de Cascais, Deus ausente, lógico, não me venham com histórias, o que se espera d’Ele, a Celeste

– Talvez seja melhor assim um bebé mestiço já viste?

a criatura de vermelho grávida, o pai da Senhora

– Parabéns

a mãe da Senhora a esconder suspeitas no leque, a Senhora

– Por incrível que pareça gostava do meu pai